



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ANGÉLICA VIANA DE ARAÚJO MONTEIRO

A DIMENSÃO SUBJETIVA DO FEMININO NO FILME ANTÔNIA: Uma reflexão de gênero na periferia.

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ANGÉLICA VIANA DE ARAÚJO MONTEIRO

A DIMENSÃO SUBJETIVA DO FEMININO SOBRE O FILME ANTÔNIA: Uma reflexão de gênero na periferia.

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Talitha Ferraz de Souza

SÃO PAULO

2014

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao “Programa Universidade para Todos” (PROUNI) do governo federal que possibilitou o meu ingresso no ensino superior. Obrigada!

Em segundo lugar, agradeço a todos os professores e professoras que tive em minha longa jornada estudantil, sem os quais eu não estaria aqui hoje, especialmente à minha orientadora, professora Talitha Ferraz, por sua paciência, seu incentivo e sua confiança. Obrigada!

Em terceiro lugar, agradeço à minha família; meu pai, Wladimir, por ser meu porto seguro e amigo, minha mãe, Sara, meu maior exemplo de força e compaixão, minha irmã, Carolina, pela afeto e pelos risos compartilhados, meus avós, tios, tias, primos e primas. Obrigada!

Em quarto lugar, agradeço ao meu namorado, João Paulo, pelo seu senso de humor incrível e por me apoiar nos momentos difíceis. Obrigada!

Em quinto lugar, agradeço aos meus grandes amigos e amigas por compartilharem momentos de suas vidas e me ensinarem muito. Obrigada!

Em sexto lugar, agradeço ao feminismo por ter possibilitado que eu me libertasse de tantos valores que me sufocavam o viver. Muitíssimo obrigada!

Finalmente, agradeço a todas as mulheres deste mundo, em especial às economicamente desfavorecidas, por me mostrarem que somos muito fortes. Muita luz à todas nós!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1. CAPÍTULO 1: A compreensão histórica do feminino.....	11
1.2. CAPÍTULO 2: Periferia: um recorte psicossocial.....	22
1.3. CAPÍTULO 3: A dimensão subjetiva da realidade.....	27
2. METODOLOGIA.....	32
3. RELATO DO FILME.....	34
4. DISCUSSÃO.....	40
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45
6. ANEXOS.....	49

RESUMO

O presente trabalho busca a compreensão da dimensão subjetiva sobre o feminino, sendo este entendido como identidade de gênero, a partir das personagens femininas presentes no filme *Antônia* (2007), analisando como elas se encaixam na dinâmica social sob a condição de viverem na periferia. Sendo assim, este trabalho pretende articular a questão de gênero com a classe social, verificando como estes fatores interferem na significação do feminino. Com base neste contexto, é necessário refletir sobre a produção das desigualdades de gênero na contemporaneidade, bem como fazer uma análise histórico-cultural de gênero, utilizando o referencial da Psicologia Sócio-Histórica e, com isso, entender como estas personagens se veem mulheres na sociedade atual, ressaltando a multideterminação do processo contínuo de construção do feminino, especialmente para classes populares.

Palavras-chave: feminino, gênero, periferia, dimensão subjetiva, psicologia sócio-histórica.

ABSTRACT

The present work seeks the comprehension of the subjective dimension about the feminine, being this understood as gender identity, from the female characters present in the film *Antônia* (2007), analyzing how they fit in the social dynamics under the condition of living in the suburb. Therefore, this work intends to articulate the issue of gender with the social class, verifying how these factors interfere in the signification of the feminine. Based in this context, it is necessary to reflect about the production of the gender inequality in the contemporaneity, as well as do a cultural-historical analysis of gender, using the referential of Socio-Historical Psychology and, thus, understand how these characters see themselves as women in the current society, highlighting the multidetermination of the continuous process of feminine construction, especially to the popular classes.

Keywords: feminine, gender, suburb, subjective dimension, Socio-Historical Psychology.

*“Um dia
vivi a ilusão de que
ser homem bastaria
Que o mundo masculino
tudo me daria
Do que eu quisesse ter
Que nada, minha porção mulher
que até então se resguardara
É a porção melhor
que trago em mim agora
É o que me faz viver
Quem dera
pudesse todo homem compreender
ó mãe, quem dera
Ser o verão
o apogeu da primavera
E só por ela ser
Quem sabe o super-homem
venha nos restituir a glória
Mudando como um Deus
o curso da história
Por causa da mulher”*

Super-Homem, a Canção (Gilberto Gil)

INTRODUÇÃO

Minha curiosidade surgiu de uma reflexão pessoal sobre o feminino, sobre o que é ser mulher, entendida como uma identidade de gênero na sociedade moderna, em especial o ser mulher de uma classe popular. De que maneira esta identidade é concebida nas periferias – em específico, na periferia da cidade de São Paulo? Como as mulheres desse lugar social se enxergam a partir de seu próprio referencial semântico, qual é a representação que têm de si mesmas? Além disso, pensando no contexto acadêmico, existem muitas maneiras neste meio do estudo psicológico de se compreender um fenômeno. Com este vasto campo de teorias e métodos que a Psicologia oferece, eu acabei buscando referências na Psicologia Sócio-Histórica, tanto pela visão crítica, compromissada e ampla, oferecida pela abordagem, como pela minha própria aproximação a esta área do conhecimento ao longo de minha formação. Realizei uma Iniciação Científica na área e muitas disciplinas que têm um suporte teórico da psicologia sócio-histórica sempre me atraíram e me surpreenderam de maneira positiva, pelas discussões fervorosas, democráticas e dinâmicas, e entendo a desigualdade social e de gênero como um fenômeno construído historicamente, possibilitando realizar uma análise crítica da realidade da mulher paulistana.

Esta visão histórica sobre o feminino estará norteando meu trabalho desde o início. Principalmente no primeiro capítulo. Por conseguinte, podemos imaginar que estes referenciais não servem de modo integral a toda a população feminina brasileira; no caso desta pesquisa, o foco será sobre a população periférica paulistana, fazendo-se necessária uma busca, ou melhor, a construção de novos referenciais para esta população. Aspectos relacionados a esta população serão encontrados no segundo capítulo deste trabalho, que servirá como mais uma maneira de se construir referenciais próprios, a nossa história com nossas próprias mãos e, por fim, pensar novas possibilidades de construção de uma psicologia realmente envolvida e a serviço dos fenômenos da desigualdade social e de gênero, a partir de seus protagonistas e não de seus expectadores.

A partir da dimensão subjetiva do feminino analisada no filme *Antônia*, que será trazida à tona pelo discurso das personagens mulheres moradoras do bairro da Brasilândia, se busca uma contribuição também para um melhor

entendimento do que é ser mulher, do que é o feminino, ampliando as noções já concebidas no meio acadêmico, visando a subjetividade deste feminino periférico. Portanto, cabe agora discutir sobre quais são essas noções, como a sociedade compôs o feminino nos últimos anos, décadas e ao longo da história, bem como sobre suas representações sobre a periferia e sua população.

A escolha deste filme se deu justamente na perspectiva de que mostra os elementos a serem analisados nesta pesquisa: o feminino (protagonistas são mulheres) e a periferia (o cenário do filme se faz na Brasilândia, um bairro periférico da cidade de São Paulo).

A relevância desta pesquisa está no momento em que se propõe uma análise de gênero tendo em vista uma população moradora da periferia. Esta preocupação vai além do enriquecimento acadêmico, e pode nos oferecer mais elementos para a construção de novas práticas e intervenções para o psicólogo clínico, educacional, do trabalho, do esporte e etc., não apenas para o psicólogo pesquisador, trazendo, inclusive novos sentidos e sentimentos com relação a esta população feminina. Não sejamos levianos de pensar que o nosso fazer não está permeado de uma representação subjetiva destas mulheres, que carrega preceitos sobre elas. Assim sendo, aquilo a que este trabalho se propõe é justamente construir, ao longo da investigação de elementos simbólicos, o que estas mulheres nos trazem como a dimensão subjetiva delas mesmas, ou seja, quais são os sentidos que elas têm sobre sua identidade feminina, enquanto sendo mulheres pertencentes a uma classe de baixo poder aquisitivo. Se vivemos em uma sociedade desigual, o compromisso desta pesquisa é colaborar para que a Psicologia, enquanto ciência e profissão, possa ter elementos para uma discussão mais ampla, que visa uma mudança deste quadro retardatário para as mulheres pobres - em especial para as mulheres negras - trazendo a subjetividade feminina periférica à tona por meio de suas próprias protagonistas. Mudar esta realidade para um fim mais igualitário e de garantia de cidadania a todos e todas, prevê uma compreensão da identidade por meio de uma perspectiva histórica de gênero e, portanto, uma perspectiva que analisa criticamente a realidade, verificando que o que se apresenta como sentido do que é “ser mulher” não se encerra no fato de serem mulheres, mas que isto é uma construção social.

O trabalho se desenvolveu no sentido de que podemos conhecer novas formas de se olhar para o feminino, para esta mulher que mora e é produto da periferia, como também a produz e reproduz todos os dias.

Finalizando o trabalho percebendo os avanços deixados pelas análises do filme, bem como pelo que ainda temos por fazer para que a diversidade de gênero e a igualdade social sejam objetivos cada vez mais atingíveis.

CAPÍTULO 1: A compreensão histórica do feminino

Existem muitos pesquisadores que abordam este tema na atualidade. Na psicologia, ele é muito procurado ao longo da história. Na revisão de literatura, foram encontrados diferentes conceitos para o feminino, tais como: papel social, identidade, identidade de gênero, representação social ou pessoal, sexualidade, ser-mulher, entre outros. Apresentarei algumas noções neste trabalho, dando ênfase ao conceito de gênero sociológico, relacionado à categoria de análise ‘dimensão subjetiva da realidade’ da psicologia sócio-histórica, que se apresenta de maneira interessante para uma análise subjetiva a que este trabalho se propõe, como veremos a seguir.

Algumas pesquisas apontam o feminino como uma identidade de gênero, como o desenvolvimento teórico de BARBIERE (1991), que faz uma distinção importante entre gênero e sexo. O sexo seria a sexualidade propriamente dita, seria o ser biológico, as condições anatofisiológicas de um ser, como: genitálias, hormônios, frequência de pelos, porte físico, presença de ovário e útero ou testículos para definir seu papel na transmissão da espécie; enfim, macho ou fêmea. Já o gênero seria uma construção social sobre o ser biológico, uma representação simbólica sobre o que é ser “fêmea” ou ser “macho”, o que é ser mulher ou homem. Nesta construção, estariam envolvidos papéis sociais, classe social, região, ou seja, é a construção cultural da sexualidade. O gênero é o constructo social organizado a partir das relações entre os sexos. Por isso, também carrega um caráter político, de poder, no qual prevê-se um trato entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres; podendo este ser horizontalizado (relação na qual ambos têm o poder, ou ambos são similares e não são interdependentes) ou verticalizado (relação na qual um detém o poder sobre o outro, há uma complementariedade, um precisa do outro para que a relação se sustente), definindo, assim, qual tipo de relação homens e mulheres terão, a partir do que se entende como sendo uma identidade de gênero feminina ou masculina.

Em outras pesquisas, foi encontrado como se dá tal construção, ou seja, que fatores estão envolvidos, quais elementos podemos verificar na construção de uma identidade de gênero - no caso, feminino. Segundo as psicólogas SOUSA e BRANDÃO (2008), a categoria de identidade pode ser entendida por seus diversos

fatores como os de classe e gênero, por exemplo. Portanto, é o que nos interessa para esta pesquisa também. O processo de construção da identidade, para as autoras, se dá no indivíduo, porém, este recebe as influências ou referências socialmente. Estas referências do que é ser mulher ou ser homem se articulam com tempo e local onde estes se organizam, ou seja, a identidade é um processo histórico. Como o indivíduo recebe influências do meio em que vive, a partir disto também influencia o seu contexto. Então, podemos dizer também que este processo é materialista-dialético, ou seja, necessita de uma base material (cidades, bairros, famílias, por exemplo) como também é fruto de uma relação – do ser humano com essa base material – que está em movimento e em transformação para poder modificar e ser modificado. Tendo esses preceitos como ponto de partida, entendemos que a psicologia comprehende que o ser humano só se faz humano a partir de sua relação com outros seres humanos, e nesta relação a identidade se integra e se constrói.

CIAMPA (1987) *apud* SOUSA & BRANDÃO (2008), nos diz que a identidade é metamorfose, ou seja, é um movimento do ser humano em sociedade para sua própria transformação. Neste trecho, as autoras deixam claro esta visão:

"Destaca que a nossa identidade é constituída a partir das diferenças e semelhanças que se apresentam de acordo com os vários grupos sociais dos quais fazemos parte. A partir da identificação com os grupos, a identidade social é constituída e recebe predicativos mais específicos, como identidade étnica, religiosa e de gênero, por exemplo. A diferenciação possibilita a emergência da identidade pessoal, que inclui as características psicológicas, físicas e a história de vida de uma pessoa." (p. 83)

Assim, verificamos que este processo de construção de identidade se faz por dois caminhos: socialmente e individualmente, colocando este fenômeno como um processo dialético. O indivíduo irá se diferenciar do grupo em que está ao mesmo tempo em que se identificará com ele. Esta diferenciação ficou entendida como intrínseca do ser humano, é uma característica ontológica. Pensando em quais elementos simbólicos servem para esta diferenciação, alguns predicativos, citados acima, estão intimamente articulados com valores morais da época e local onde se constituíram; então, podemos afirmar que a construção de um feminino passará por questões ligadas à moral vigente em uma determinada sociedade, num processo histórico. Fazendo a revisão do gênero feminino podemos perceber que

este foi diferenciado do gênero masculino a partir de polaridades (AMORÓS, 2002), como por exemplo: o feminino seria o relacional, condicional, adjetivo, específico; já o masculino seria o universal, incondicional, substantivo, genérico. Isso fica muito claro nas semânticas da língua portuguesa por exemplo, muitos coletivos são representados por palavras no “masculino”, um exemplo é a palavra “homem” como análoga à humanidade. Portanto, é como dizer que ser masculino é ser natural, é ser humano em sua totalidade; enquanto que ser feminino é ser apenas fêmea. Segundo a autora, na questão de identidade de gênero vivemos em um mundo no qual os sexos não são iguais; o que quer dizer que não fazem as mesmas coisas e consequentemente não possuem os mesmos direitos. O ser mulher é estar limitado, porque sua anatomia, segundo a autora, é detentora de seu destino. Esse valor dado a anatomia vem como uma característica de gênero, como a própria autora define:

“(...) la noción de género como construcción e interpretación cultural de la diferencia sexual a efectos no sólo descriptivos, sino valorativos y polémicos.”

“[...] a noção de gênero como construção e interpretação cultural da diferença sexual tem efeitos não somente descritivos, mas valorativos e polêmicos.]” (p. 8)

Assim, ela salienta que muitas diferenças sociais entre os gêneros estão se justificando pela diferença sexual, anatômica, o que é muito ruim para o gênero feminino, já que pelo simples fato de se nascer mulher pode-se dizer o que poderá ser ou tornar-se. Esta ainda ressalta que muitas vezes a própria filosofia descreveu o lugar da mulher, em autores como Rousseau, Kant e muitos sofistas também. Para a autora, a mulher é vista como sujeito político, é aquela que não tem poderes, e isso se deu principalmente pela automatizada vivência privada em detrimento da dispersão no espaço público. O gênero envolve discursos e práticas nos níveis ontológico, ético e político. Como também a autonomia, se duas pessoas tem os mesmos direitos e mesmas possibilidades de acesso e desenvolvimento não tem necessidade de controlar umas as outras, submeter.

Outro ponto é que as relações entre pessoas do mesmo gênero, não no sentido de orientação sexual (heterossexualidade, homossexualidade e afins), mas no sentido de grupo de pessoas que pertencem a mesma noção de identidade. A autora diz que amizade feminina ou grupo feminino sempre é visto com maus olhos, como se fosse um agrupamento para se fazer o mal; ou até mesmo ridicularizando

esta união. Existe um certo pacto entre homens, solidariedade, em sua amizade há pouca rivalidade; enquanto que a amizade feminina, digamos, é mais frágil e cheia de desconfiança, uma é ameaça para outra. Mulheres ativas e livres são mais comuns em grupos emancipatórios, em que não há cobranças, não deveres, não há poder.

A mesma autora ainda destaca que a divisão sexual do trabalho é um forte ponto a demonstrar a desigualdade entre os gêneros. Esta acaba sendo um complexo articulador de desigualdades, diz ela. As atividades laborais (o que se faz no trabalho) variam muito pouco ou não variam entre os gêneros, porém, no caso dos homens há uma valorização e no caso das mulheres há uma desvalorização. Ela exemplifica com o prestígio dado às atividades tipicamente femininas sendo executadas por homens, como: o cozinhar. Eles são “chefes de cozinha”. Claro que existem mulheres chefes de cozinha, mas quando um homem cozinha é como se ele tornasse especial. Já no caso das mulheres ocorre o oposto, quando fazem uma atividade considerada tipicamente masculina são subestimadas, como: o dirigir. Quando se vê alguém cometendo algum erro no trânsito, geralmente se diz: “deve ser mulher”.

Podemos perceber que o conceito de gênero e identidade se aproximam, porque ambos fenômenos se constroem em sociedade e se expressam pelo indivíduo. Assim, podemos melhorar nossa discussão posterior considerando que a identidade de gênero nada mais é do que a maneira como você pensa sobre si mesmo, a maneira como se comprehende a partir dos referenciais sociais, sejam eles contraditórios com relação a sua identificação ou não. O que também diz da dimensão subjetiva da realidade (que será melhor discutida no capítulo intitulado com o mesmo nome), que diz de como nós significamos, entendemos o feminino. Ainda, segundo BOFF & MURARO (2002) a importância de se discutir a dominação de gênero também está na possibilidade de se discutir a dominação econômica. E caminhando para uma análise mais profunda pode se verificar uma dominação simbólica sobre as mulheres, que é atravessada por todas essas outras dominações.

Aproveitando essa conceituação de identidade de gênero, olharemos agora como se deu a construção do feminino historicamente, como a identidade feminina, em especial a brasileira, se formou. Numa retomada dos valores

impressos no gênero feminino ao longo da história do Brasil podemos ver que, segundo FONSECA (1997), o feminino está associado desde o início do século XX a uma polaridade que é oriunda da moral judaico-cristã, dividindo as mulheres entre “puras, santas, mães” contra “sujas, diabólicas, prostitutas”. Essa dicotomia entre o que é bom e esperado e o que é desvalorizado vem sendo atribuída a identidade feminina como valores implícitos ao sexo biológico e não como uma construção social, como outros autores do texto também apontaram. Isto tem uma finalidade de controle social da reprodução. A autora HIME (2004) faz um resgate histórico do porquê o gênero feminino sofre esse controle de sua sexualidade. Ela nos diz que esta dinâmica de opressão ao gênero feminino começou quando se descobriu como a gravidez ocorria, ou seja, que os homens tinham participação na reprodução, porque antes secreditava que as mulheres eram possuidoras de poderes sobrenaturais, eram deusas, engravidavam da natureza (astros, animais, elementos, das plantas), em uma sociedade matriarcal. No sentido de totalidade, transcendência e ligação com o divino. Com isso começou o controle de sua sexualidade, que veio a priorizar com o surgimento das cidades e da propriedade privada, já que teria que haver uma garantia de que os filhos seriam daquele homem e assim garantir a passagem de bens para a próxima geração, pois a linhagem era patriarcal, e o poder estava nas mãos dos homens. A autora ainda afirma que com a moral oriunda do cristianismo a mulher ficou ainda mais limitada na expressão de sua sexualidade, tornando o ato sexual prazeroso, por exemplo, um pecado, independentemente se fosse com o cônjuge.

Outra autora que explora bem esta questão do controle da sexualidade feminina é LINS (2007), ela afirma que, com isso, criou-se um abismo entre a mulher e seu próprio corpo como fonte de prazer. Essa moral ainda se verifica na contemporaneidade, com a valorização da castidade, de um comportamento polido e reservado da mulher. A mulher ainda na contemporaneidade, segundo a autora, estabelece relacionamentos com base nesse papel passivo. As relações estão cheias de sofrimentos, sacrifícios e afastamentos, qualquer semelhança com filmes ou novelas não é mera coincidência. Resumidamente, a mulher não pode conhecer seu corpo como objeto de prazer, e mais ainda de auto prazer, ela deve se guardar ao marido e ser paciente, mesmo que tiver vontade de se relacionar com outros parceiros. No começo de muitos casos com envolvimento afetivo, ouvimos

comumente “o rapaz é que deve tomar a iniciativa”. Este tipo de controle da sexualidade¹ se faz muito presente até hoje. E chega até mesmo em situações de crimes contra as mulheres, que vemos diariamente nos meios de comunicação. Muitos casos de estupro, a vítima foi culpabilizada por se acreditar que não estivesse vestida de forma provocante o estuprador não teria cometido o crime. E por que vestir-se de forma mais amostra é sinônimo de permissão ao ato sexual? O corpo também é mercadoria, objeto, especialmente o feminino.

Para acentuar este estigma naturalizado na nossa sociedade, se uma mulher for economicamente desfavorecida sua representação social tende a ficar mais pejorativa, carregando mais preconceitos e atitudes violentas, em todos os sentidos: moral, física, sexual para com este grupo de mulheres (SAFFIOTI, 2004). A autora afirma que quem defende a conduta de agressores está justificando-se apenas no tipo de sexualidade, ou seja, como se a sexualidade masculina fosse incontrolável e a feminina domesticável. Esta classe social, mulheres pobres e em especial, das negras, sofrem ainda mais por conta de um desamparo histórico. As mulheres negras, estaticamente, são as que casam menos, há uma ausência de homens para estas mulheres; que segundo a autora, acontece seja por interesse deles por mulheres brancas, perseguindo o ideal estético de mulher na sociedade atual ou porque este contingente masculino é afetado pela violência, principalmente pelo narcotráfico. A população mais assassinada no Brasil são de jovens homens negros. A autora ainda afirma que o papel dos gêneros ao longo da história se deram por um feminino cuidador (passivo) e um masculino provedor (ativo). Fazendo um levantamento sobre a dominação do gênero feminino, muito se deve à divisão sexual do trabalho. O espaço de atuação entre os gêneros é diferenciado e muito bem discriminado historicamente. O espaço público e o espaço privado, são análogos aos gêneros. O primeiro é o lócus social do masculino, trabalho e diversão; e o segundo atrelado ao feminino, cuidado da casa e dos filhos.

¹ Controle da sexualidade, recetemente, também pode ser encontrado pelo termo *Slut-shaming*. O novo termo se originou em paralelo à *SlutWalk* (Marcha das Vadias, como é conhecida no Brasil). Iniciou-se em Toronto (Canadá) como protesto contra o que aconteceu em uma universidade, no qual um policial disse a um grupo de estudantes que elas poderiam evitar o abuso sexual não se vestindo como “sluts” (vadias). Ou seja, o ato de induzir uma mulher se sentir culpada ou inferior devido a prática de certos comportamentos sexuais que desviam de expectativas tradicionais de seu gênero, como explicado pela autora LINS (2007).

Ao retomar a violência, afirma que que aproximadamente 20% das mulheres dizem ter sofrido algum tipo de violência por parte dos homens.

Mais uma autora que discute esta relação é ASSIS (2008), ela nos conta que no Brasil existe um mito de não-violência contra as mulheres, e também o mito da democracia racial, ou seja, que a desigualdade tanto de gênero como social ainda existe e muito em nosso país, não foram superados, apenas maquiadas, camufladas. Que a população feminina negra sofre mais com a burocracia do que qualquer outra. Ser mulher, negra e pobre define o seu lugar na escala de prioridade e de qualidade por serviços e direitos básicos. E esta mesma burocracia produz o medo e baixo autoestima sobre esta população, que em certa medida se acomoda a esta realidade, pela falta de possibilidades. Diz que o medo que estas mulheres tem pela violência sofrida, seja pelo companheiro, seja pela negligencia de seus direitos, seja pela violência a seus familiares nos bairros periféricos, as fazem silenciar. Pelas suas palavras ela diz que “*o isolamento é mais um tipo de violência que atinge essas pessoas*”. E completa seu pensamento dizendo sobre o abandono histórico da mulher negra. Esta mulher é reflexo da escravidão de seus antepassados, do preconceito racial vigente e do uso de seu corpo como objeto sexual, por isso, ASSIS (2008) destaca que:

“Historicamente, as mulheres negras têm vivido situações de abandono e, nos dias atuais, essas situações repetem com as mulheres entrevistadas justamente num momento em que estão mais vulneráveis, devido à ausência do companheiro e por terem que assumir sozinhas os encargos da família.” (p. 106)

“Mas a violência sofrida por essas mulheres pode ocorrer também no recinto doméstico, incluindo o abuso sexual, fato geral omitido. (p. 107)

Pensando em como isso é complexo, em termos históricos, a própria ciência também colabora com essas visões, como no trecho em que FONSECA (1997) concluiu que:

“Dividindo as mulheres em santas ou demônios, pacatas donas de casa ou prostitutas, os pesquisadores simplesmente não enxergavam dinâmicas sociais que driblam esses dois polos. Da mesma forma, cientistas sociais se agarraram durante décadas à crença na normalidade - estatística, natural, moral - da família conjugal. Hoje, vemos que essa crença, além de ter reforçado a estigmatização das famílias pobres - vistas inevitavelmente como desorganizadas por não corresponderem ao modelo 'normal' -, impediu gerações de pesquisadores de atentar para a diversidade de dinâmicas familiares no Brasil.” (p. 513)

Ou seja, a autora afirma que noções de gênero, família e classe social são construções históricas e, portanto, multideterminadas, sendo um produto complexo em constante transformação. E estas construções são diversas e plurais, um processo social construído a nível individual e coletivo, numa troca simultânea, interdependente e indissolúvel. Contudo, muitas vezes a própria ciência e o Estado não fazem um questionamento sobre esta perspectiva e acabam por tratarem esta população sobre o mesmo véu ideológico vigente até então.

RESENDE (1989), que nos conta que a experiência de ser mulher para suas pesquisadas foi definida como experiência sexual feminina, e esta passa por três dimensões: ciclo vital, gravidez-puerpério (maternidade), relacionamento sexual (amoroso). Pensando nessas contribuições, podemos concluir que para estas mulheres essas dimensões são partes fundamentais para a sua construção de gênero feminino. Com isso, podemos dizer que, para elas, ser “mulher” passa por ser “mãe”, ser “esposa”, ser “jovem” ou ser “velha”, estando estes determinantes relacionais presentes nas suas falas e, portanto, em suas vivências. A maternidade, o casamento e o tempo como forma de demonstrar beleza física, parecem estar intimamente ligados ao feminino, segundo a pesquisadora. As autoras SOUSA e BRANDÃO (2008) também fazem esse paralelo, quando mostram que as adolescentes de sua pesquisa separam papéis pelo gênero, tendo muitas vezes o papel feminino ligado a relações de ajuda, de cuidado e de solidariedade que, de certa forma, são valorizados no papel materno. Como também comparam que o projeto de vida destas jovens se relaciona em muito com a dupla jornada da mulher moderna, que está no espaço público e privado. Com estas jovens ocorre o seguinte: trabalham dentro de casa com o serviço doméstico (espaço privado) e estudam (espaço público). Mais tarde, apenas substituem os estudos pelo trabalho fora de casa, contudo mantêm os serviços domésticos, o que não acontece com o gênero masculino.

Na busca pelo contexto tipicamente feminino, verificamos que como citado anteriormente que ambiente privado é feminino por excelência. Este espaço possibilita a construção de uma subjetividade, de uma sociabilidade, de uma cultura própria (MAGALHÃES, 2001). A vida doméstica se tornou um lugar da tutela do feminino, por parte dos pais e maridos e, controle de sua sexualidade ao longo dos séculos. A autora afirma que o trabalho doméstico é naturalizado como sendo

feminino pela sociedade atual. As meninas desde cedo aprendem os seus respectivos locais de atuação na sociedade patriarcal, com brincadeiras de boneca, o famoso “brincar de casinha”, que serve como treino para posteriores funções: cozinheira, lavadeira, passadeira, arrumadeira, mãe e etc. Com isso a mulher passou a ser mãe, o lugar específico para sua satisfação enquanto ser humano, na sociedade e no ciclo da vida. A mulher em que ser fértil, cuidadosa, gentil, educada, frágil, reservada, habilidosa com as tarefas domésticas. Esses atributos são altamente valorizados na mulher, ainda hoje, possibilitando dizer que os atributos opostos recebem toda a desvalorização, segundo a autora. A naturalização da maternidade, santificação *versus* promiscuidade, torna compulsório o “ser mãe” e “ser esposa”, numa sociedade que ainda tem muita dificuldade de encarar um feminino que opte somente pela carreira, por exemplo. Mesmo que ela queira ser profissional, deverá ainda desempenhar todas as suas antigas funções e papéis, se quiser ser valorizada. Assim, há uma sobrecarga de tarefas para o feminino moderno. A liberdade ainda não chegou. Como a própria autora resume *“cabendo à elas a glória ou culpa pelos resultados de sua atuação”*. É como se a mulher fosse o ser-para-os-outros naturalmente, o ser-altruista. Egoísmo e auto valoração não combinam com o feminino. Isso é coisa de macho! Segundo a autora, o próprio cavalheirismo é a inferioridade revestida de respeito requintado.

Ainda segundo a autora, o próprio trabalho feminino, foi diferenciado entre as mulheres de diferentes raças no Brasil, no começo do século XX as brancas eram secretárias, enfermeiras, professoras, enquanto que as negras eram empregadas, cozinheiras, arrumadeiras, prostitutas. É interessante notar que, mesmo com a diferença escancarada no nível de trabalho braçal e valorização social, todos os trabalhos envolviam o “cuidado”, seja ligado à saúde, à educação, ao sexo, à limpeza.

SOUSA E BRANDÃO (2008) fazem uma boa síntese sobre esta relação de dominação para com as mulheres e de como elas mesmas acreditam nesta postulação:

“O fato de esperarem proteção do sexo masculino pode explicar porque se sentem frágeis diante do mesmo e vice-versa, ou seja, é devido a uma ideologia criada a favor do poder e do controle do masculino sobre o feminino que as adolescentes internalizaram como características femininas a fragilidade, a vaidade e a sensibilidade.”
(p. 91)

Também analisando os acontecimentos recentes na história, GOLIK (2009), em uma palestra sobre o gênero feminino, intitulada “Feminino Futuro”, nos diz dos tempos da contracultura (década de sessenta e setenta), onde mulheres lutaram por melhorias de direitos e de maior participação da vida em sociedade (ganho do espaço público, voto, melhorias no trabalho assalariado, até então vivido quase que exclusivamente pelo gênero masculino). O movimento feminista, que é a luta por direitos iguais entre os gêneros, garantir a mesmas condições de desenvolvimento humano para mulheres e para homens, por meio da equidade. [FONSECA (1997); RESENDE (1989), MAGALHAES, 2001], SAFFIOTI (2004)]. Na palestra também foram abordados temas como os estereótipos de beleza, ou seja, qual representação física é esperada e desejada pelo campo social, no caso, especialmente das mulheres, cabendo ressaltar que este estereótipo varia de lugar para lugar, de tempos em tempos e, assim, de cultura para cultura. Para o feminino latino-americano espera-se magreza, cabelos lisos e claros, seios e nádegas fartos (GOLIK, 2009); um exemplo clássico que sintetiza estas características está na boneca *Barbie®*, que é um dos objetos de consumo mais desejados pelas meninas, lembrando que estas estão no seu processo mais fundante de construção de identidade. SOUSA e BRANDÃO (2008) afirmam também que a mídia influencia e incentiva o consumo de padrões de beleza nesse sentido apresentado acima. Com isso, o “vestir-se” para muitas jovens está relacionado com uso da vestimenta para se sentir desejada, sensual, ou seja, valores do mercado estético mundial, em que a pressão midiática é um vetor importante.

Com isso, a relação dos papéis sexuais com o sexo da criança são definidos desde cedo. A autora BARROSO nos conta que muitos se constrangem por confundir o sexo de bebês, e isso é causado pelo tabu vigente que envolve toda a identidade gênero, porque estes tem prestígios diferentes. A autora vai além, e nos diz que muitas diferenças de personalidade são produzidas no seio da família e da sociabilidade da crianças. Muitos estudos psicológicos não comprovam tais diferenças, segundo a autora. O que reforça a ideia de que muitas características são ensinadas no sentido de promover tais diferenças de gênero. Meninas devem ser femininas, e meninos devem ser masculinos. É só reparar na correria de muitos pais e familiares em saber o sexo do bebê para se fazer um enxoval todo rosa ou todo azul. Outro ponto relevante que autora levanta é o fato de muitos acreditarem

existir uma “natureza feminina”, o que não acontece com os homens. E o que isso quer dizer? Que eles possuem muito mais liberdade para serem o quiserem.

Resumidamente, como as relações de poder definem o gênero, fica evidente que também nas relações de gênero há desigualdades, em que um possui mais direitos que os outros e sobre os outros, bem como, que uns têm mais deveres que outros e para com os outros. Privilégios e limitações. capacidade de escolha. As diferenças não podem ser negadas, principalmente as físicas, mas estas não podem servir de base explicativa para o controle sobre uma pessoa, classe ou grupo social. As diferenças existem, porém devem ser encaradas como um produto da diversidade biopsicossocial do ser humano que foi construída na história da humanidade e, por isso, não deve ser naturalizada para que não se torne uma visão ingênua e perigosa da realidade.

CAPÍTULO 2: Periferia: um recorte psicossocial

Vamos entrar em contato com as análises sobre a representação social da periferia. Ela enquanto espaço geográfico, nasceu por meio do crescimento urbano desordenado, sem planejamento, oriundo de grandes migrações na época do maior desenvolvimento industrial na cidade no século XX. A especulação imobiliária na cidade de São Paulo forçou inúmeras famílias a caminharem rumo aos espaços mais fronteiriços da cidade, ficando à margem. Quem mora na periferia, são os expulsos da “cidade modelo”. O morador de periferia é o ser exilado, mesmo que parcialmente [(SILVA, 2003); (HUGHES, 2003)].

Outro dado interessante é que os bairros periféricos são em sua maioria residenciais, bairros dormitórios, pois o inchaço urbano não permitiu assegurar que partes da cidade fossem preservadas seja ecologicamente ou pelo acesso à cidadania por meio de serviços públicos de qualidade, como: saúde, lazer, educação básica, superior e técnica, transporte público, segurança – serviços julgados altamente desqualificados por parte da população periférica. E isto é demonstrado pelos dados² sobre o distrito da Brasilândia, explorados pelo autor, revelando que a maioria da população é jovem, mais da metade tem menos de 25 anos. Como também que apenas 20% destes moradores ganham mais de cinco salários mínimos e, cerca de apenas 2% dos chefes de família tem ensino superior (HUGHES, 2003).

SOUSA e BRANDÃO (2008) também afirmam que muitas vezes a periferia está ligada a uma conotação depreciativa, um estigma social sobre o espaço cultural e sobre as pessoas que ali vivem. Segundo as autoras, a dificuldade de acesso a direitos sociais básicos, como moradia, saneamento, educação, saúde, transporte e segurança, por exemplo, contribui para exclusão dessa população por parte da classe dominante, que os teme e por isso os inferioriza. A garantia de cidadania é dificultada a partir da exclusão social. Contudo, as autoras também afirmam que as moradoras também têm uma corresponsabilidade na exclusão, já que o estigma acontece em via de mão-dupla, sendo que as jovens de periferia

² Alguns desses dados podem ter mudado ao longo dos últimos dez anos, em decorrência de novas políticas públicas implantadas em nível federal, estadual e municipal desde o ano de 2003, no qual a pesquisa foi realizada. Principalmente com relação ao ensino superior: o Programa do Governo Federal Universidade para Todos (PROUNI) já formou mais de 4 milhões de brasileiros pertencentes a famílias de baixa renda, desde a sua inauguração.

também rotulam a outro desconhecido rico, como “*patricinha*” ou “*playboy*”, por exemplo; o que mantém a distância social. O que ficou claro para as autoras é que o local onde se mora determina muito como a subjetividade é construída, porque, segundo ela, as pessoas são associadas as características de sua comunidade, bairro, cidade ou país. Outro fato relevante observado foi o de que a associação sofrida por estas moradoras de periferia tidas como inferiores ou inaptas se reverbera na procura de emprego. Muitas não conseguem emprego pelo local onde moram, ou não dizem onde moram numa entrevista por conta da discriminação sofrida. Portanto, as autoras ressaltam também que para estas mulheres duas características são muito marcantes: uma com relação à resiliência – demonstram sentimento de união, grupalidade, comunidade, a fim de resistir a esta exclusão - e outra que seria no sentido de um projeto de vida fora da região onde se nasceu e cresceu, pois muitas expressam um desejo de sair desta comunidade para poder ter uma vida digna, uma vida cidadã. Assim, esta segunda característica reforça a ideia de que o lugar compõe parte de sua subjetividade. E a maneira de se fazer isso é por meio do estudo e do trabalho.

Contudo, versando sob a ideologia neoliberal da meritocracia, em que só se consegue mudança através do esforço pessoal, ou seja, o indivíduo sozinho é responsável e culpado pela sua condição biopsicossocial sem que se pense constitucionalmente, em direitos humanos e sociais (GONÇALVES FILHO, 2004). No capítulo sobre dimensão subjetiva da realidade a questão da meritocracia será melhor discutida.

A moradia é outra questão importante, pois a qualidade de muitas delas está diretamente ligada ao quanto são acessíveis e o quanto o morador têm de mobilidade, isto é, o transporte, o saneamento, o planejamento urbano e o quanto está sendo investido nestes itens numa determinada região. Muitas pessoas da periferia se sentem e são isoladas da sociedade [HUGHES (2003); SOUSA e BRANDÃO (2008)]. Resumindo, quanto mais longe e mais pobre o bairro pior é acesso ao emprego e ao transporte e, assim sendo, mais se gasta para chegar ao trabalho e menos empresas irão querer ter esse tipo de “prejuízo” para a uma possível contratação.

Uma análise muito pertinente, que HUGHES (2003) faz, é a de que a periferia foi e é um processo de constante construção urbana e social, ou seja, cabe

dizer que existe um processo de periferização. Ele nos diz que o imaginário social tem muitas vezes uma concepção errônea da periferia a encarando apenas como um “produto do inchaço urbano”, “o problema social” ou “o local da violência” ou ainda “onde moram os bandidos” e, não a partir do contexto histórico que a constitui. Esse discurso só facilita os processos de exclusão, no qual as representações da elite servem como justificativa para o estigma. Isto marca profundamente a vida das pessoas que lá estão, já que a mídia é construtora de boa parte dos sentidos das pessoas, sem opção de lazer e, esta é produzida para os interesses burgueses.

O autor nos fala que a mídia possui duplo papel na periferia, um de meio produtor de sentidos depreciativos, meio excludente, principalmente por parte dos programas sensacionalistas, e também um meio de lazer, se não, um dos únicos para muitos moradores. Estes ficam “reféns” de sua programação, que exibe o que é vida, o que é felicidade, o que é ser gente e o que é “não ser” tudo isso. A negativa é sempre caracterizada por estes que se encontram na periferia, há uma identificação e uma representação dessas pessoas.

Segundo o autor, direitos como saúde e educação, por exemplo, são sentidos como falhos para moradores de periferia, ou somo insuficientes. Muitos moradores são caracterizados pela falta de estudo como marginais, criminosos, em parte pela imagem midiática que é passada das pessoas que cometem atos infracionais que é a de ser morador de periferia e outra é a de que a falta de estrutura social, que seria um facilitador para seguir caminhos que levam à violência, tráfico de drogas, prostituição. Ainda segundo HUGHES (2003), a Brasilândia é o distrito com o maior número de organizações sociais, líderes de comunidade. Característica que marca a união dos moradores e sentimento de pertencimento, identidade. O autor afirma a importância de se entender a periferia além dos seus limites excludentes, e enxergá-la através de seus próprios autores (moradores) no trecho a seguir:

“A ressignificação proposta remete, simultaneamente, portanto, às demandas que cada vez mais são geradas a partir das periferias, a partir da compreensão de sua dinâmica interna e de seu papel no conjunto da vida da cidade. Portanto, a sua relevância vem da possibilidade de ampliar a discussão sobre as violências com que as periferias, de uma forma particular e muito diferenciada da ‘cidade’, convivem desde sua origem.” (p. 169)

Criam-se todos os dias uma grande estigmatização da periferia. Todos estes fatores envolvem uma violência para com estes moradores. Não apenas a violência física ou mortal, mas sobretudo, aquela que os priva de escolher, os priva de seus direitos básicos. Porém, os moradores, em sua maioria, não se identificam com esta imagem que lhes é imposta. Em contra partida, encontram em alguns movimentos artísticos e sociais as vozes para criar seu próprio modelo identificatório, o hip-hop é um destes movimentos (MATSUNAGA, 2008), bem como rádios comunitárias tentam também (SILVA, 2003).

Uma outra visão sobre a periferia é a de que a maternidade neste espaço social é altamente valorizada, como em muitos outros contextos. Isso se deve principalmente pelo fato de que as mães da periferia, em grande contingente, são chefes da família, sustentam, ensinam, unem os familiares, protegem seus filhos(as), perdoam seus filhos(as) - sejam eles(as) dependentes químicos, detentos(as) – e os ampara do mundo (MATSUNAGA, 2008). A mesma autora também conta que o “ter mãe” é análogo ao “ser da periferia”, porque esta última, assim como uma mãe, também não julga seus “filhos”. Já que neste contexto os moradores não se sentem diferenciados, discriminados; muito pelo contrário, se sentem valorizados, inseridos, pertencentes a um lugar, a um grupo, a uma identidade. A periferia e as mães seriam os reguladores sociais, a entidade moral para esta população. E entre eles existe esse tratamento, cumprimento de irmandade, como se todos fossem uma grande família. As relações são mais horizontalizadas entre os moradores. O famoso “mano” é, etimologicamente falando, resultado desta identidade, no sentido de classe social.

Existe a subjetividade que nasce da periferia, o hip-hop é um movimento que demonstra isso, segundo a autora. Porém, o mesmo não acontece quando o assunto é gênero feminino. Existe o que autora chama de invisibilidade feminina no hip-hop: estas não tem tanta fama como os *rappers* homens, e muito do que se fala do feminino neste estilo musical é dito pelo próprios homens. E claro, que existem grupos femininos de hip-hop, como é o caso do grupo fictício no filme *Antônia*. A autora analisa as letras de *rap* e conclui que existem três tipos básicos de representação do feminino neste universo: como maternidade (amor...só de mãe), como objeto sexual (Você não passa de mulher objeto) e como resiliente/guerreira (Tem que ser mulher pra se manter em pé). O mais interessante nesta análise é que

os dois primeiros significados de feminino são produzidos em sua maioria por rappers homens e, o último por rappers mulheres. Além disso, a representação de mulher guerreira, batalhadora, aufere uma caracterização diferente dada ao feminino ao longo de todo o levantamento bibliográfico, podemos ver um feminino de forma mais positiva (assim como em ser mãe) como também uma auto representação, feita pelas pessoas que vivenciam esta condição. Resumidamente, uma visão de si mesmas como mais autônomas, independentes, fortes, até pela própria ocupação pública do cantar, ter uma profissão musical.

Segundo a autora o hip-hop permite que as pessoas de periferia possam inverter os valores vigentes sobre elas mesmas, no caso das mulheres, especialmente com relação as questões de gênero e de sua sexualidade, reflete:

“Entretanto, então, que o movimento hip-hop se articula em diferentes demandas, entre elas a demanda de grupos feministas, que sugere, portanto, que como um movimento social, o hip-hop atua como uma mobilização que expõe as várias desigualdades sociais que perpassam a sociedade brasileira, sejam elas referentes a questões raciais, econômicas e, com grupo feministas, as desigualdades engendradas pela discriminação de gênero.” (p. 115)

Concluindo este capítulo e relacionando com a imagem da mulher na sociedade como um todo, o significado de ser uma mulher pobre está ligado a uma exclusão social evidente. Na sociedade contemporânea a mulher pobre se vê tolhida de seus direitos e sem espaço para um novo olhar sobre ela, cabendo a mudança dessa realidade. Ela mora em local desfavorecido, e é desvalorizada enquanto ser humano sexualizado. Vale ressaltar que, as mulheres negras são o maior contingente feminino nas periferias e seu histórico social no Brasil, a deixou sempre mais tolhida e acuada com relação a seus direitos. Ela pode ser mãe e trabalhar, porém, será muito mais difícil se estabilizar economicamente. Mesmo em meio a tanta discriminação há meios de ressignificar a sua própria identidade e transmitir novos sentidos a outras mulheres.

CAPÍTULO 3: A dimensão subjetiva da realidade

Para começar a responder as perguntas a que esta pesquisa se propõe, precisamos primeiro esclarecer o conceito de “dimensão subjetiva da realidade”, para que, com isso, possamos entender como o feminino é significado pelas personagens do filme *Antônia*. A dimensão subjetiva diz respeito àquela parte da realidade que é produto e produtora de humanidade, ou seja, ela é ontológica³. Como o ser humano se constrói por meio da linguagem e da sua ação no mundo, e como a linguagem e a sua própria ação constroem os seres humanos, resumidamente, o movimento dialético que a cultura realiza enquanto situação humana. A dimensão subjetiva é produto, didaticamente, de duas subcategorias, que servem de suporte para entender o processo de subjetivação da realidade; estas são os significados e os sentidos (BOCK & GONÇALVES, 2009).

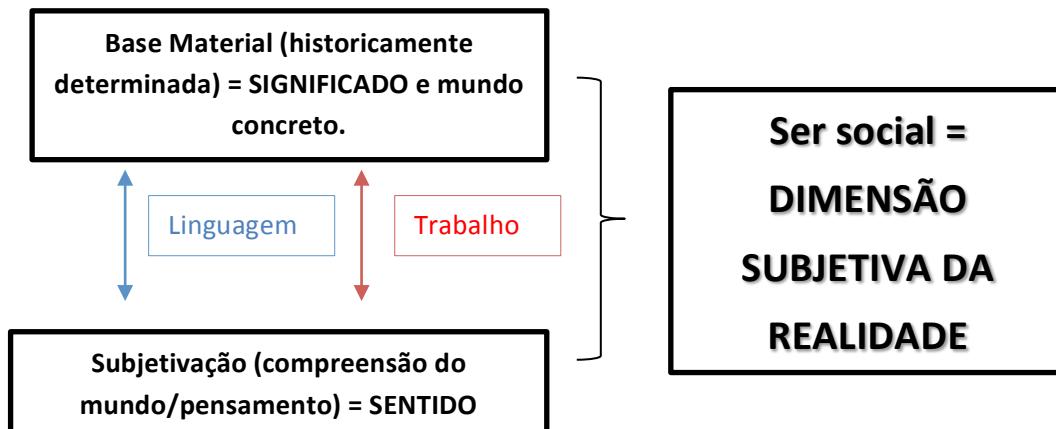
Os **significados** são a parte da subjetividade compartilhada socialmente, ou seja, são signos, símbolos que servem para expressar a realidade em que vários membros tem acesso ao seu sentido, o que ele é expressa. Assim, são produto de uma ação histórica do ser humano em comunidade. Já os **sentidos** são o entendimento pessoal (portanto emocionado) que se tem do cotidiano, são produto de ação individual do ser humano em sua história de vida. A dimensão subjetiva representa a forma singular de apropriação da realidade pelo sujeito, grupo ou população e a sua maneira de decodificá-la a partir de uma determinada referência social, sendo esta estruturada a partir da intersubjetividade (AGUIAR, 2009). A separação, desenvolvida por GONZALES REY (2004), propõe que a subjetividade é derivada de duas outras subjetividades, sendo estas a subjetividade individual e a subjetividade social. A primeira, a subjetividade individual, diz respeito a processos de aquisição de sentidos; já a segunda, a subjetividade social, diz respeito a processos de aquisição de significados. É importante ressaltar que estas duas instâncias de apropriação da realidade são indissolúveis e interdependentes, e que para o autor elas são dois lados do mesmo processo de subjetivação, são partes de uma relação dialética do homem com a realidade – em que o homem atua no mundo (por meio do trabalho) e este atua no homem produzindo um sentido novo que, por

³ O sentido de ontológico presente no texto é trazido da filosofia. O termo é utilizado em muitos autores como György Lukács e Martin Heidegger.

sua vez, irá mudar novamente sua relação com o mundo. Com o advento da linguagem, o homem consegue traduzir o mundo em signos, e com o compartilhamento destes, o homem conseguiu transpor a barreira do tempo e tornar seus conhecimentos socialmente entendidos, formando assim religião, ciência, povos, enfim, as diferentes culturas. A dimensão subjetiva da realidade é o complexo arranjo dessas relações e do conhecimento adquirido historicamente, ou seja, o conjunto de normas e regras, a moral e a ética de cada cultura e em determinado tempo histórico. A subjetividade está sempre presente dentro de um *zeitgeist*⁴. Por tanto, temos dois elementos mediadores, que fazem a relação entre o homem e a natureza/mundo acontecer, que são: a linguagem e o trabalho (no seu sentido mais amplo e fundante, excluindo a ideia de *emprego*, comumente atribuída).

E essa realidade subjetiva é feita por um ser social. Segundo LESSA (2011) a noção de ‘ser social’ é desenvolvida pelo autor Lukács, que define o ser humano em sua condição singular (cotidiano, estabelecendo os sentidos para realidade), particular (determinado por bases materiais historicamente definidas, mas que podem ser transformadas) e universal (ser humano genérico); todos esses elementos se articulam de um ser humano para outro, ou seja, são entendidos, refletidos e modificados pelo próprio homem em comunidade, em um coletivo ativo e que se comunica. Este é o ser social relatado, o ser que constrói sua realidade e é modificado por ela, dentro de um espaço de aprendizado e transformações coletivas. A figura a seguir exemplifica a produção de uma ‘dimensão subjetiva’:

⁴ Zeitgeist é um termo alemão, que popularmente é entendido como “o jeitão da época”, a maneira de ser de um determinado período histórico, o espírito daquele tempo.



A compreensão do mundo e de ser humano dentro deste contexto é complexa. O olhar sobre ser humano muda, pois há uma diferença na maneira de visualizar a relação dele com o mundo, que devem ser observada. Esta diferença está no surgimento da individualidade, ter um “eu”, uma consciência sobre si e sobre as coisas ao seu redor. Isso permite uma leitura de mundo diferenciado em comparação com os dos animais. A cultura entra neste momento, como uma interpretação naturalizante do fenômeno da realidade, perdendo-se uma resposta imediata aos estímulos do mundo natural, o homem agora responde ao que ele produziu, produz e pretende produzir. Podemos entender claramente esta “nova forma de responder” do homem quando FURTADO (2009) cita a consciência do ponto de vista *vigostkiano* e faz o seguinte resumo:

“(...) as formas históricas de evolução (da consciência) se impõem sobre formas naturais. Isso significa dizer que a humanidade interfere em sua própria história natural.”
(p.75)

O que foi exposto agora nos diz da condição ontológica e teleológica do ser humano. Esta capacidade humana de se compreender ao longo da sua própria história (ontológica) e projetar seu futuro de forma a organizar o mundo (teleológica). Segundo FURTADO (2011) a partir disso pode-se dizer que o homem é movido por dois princípios básicos: necessidade e motivo. A **necessidade** seria uma obrigação imprescindível do ser humano no seu caráter instintivo, mais imediato, suas demandas naturais. Já o **motivo** seria uma relação da necessidade com a cultura, ou seja, o motivo provém da própria condição humana moderna, descolado da

natureza, em que uma necessidade vem do sentido e não da necessidade em si. Portanto, é uma relação de fetiche com o que se acredita necessitar, é permeada pela fantasia, ou seja, temos aqui o que a psicanálise chamaria de desejo.

Ainda segundo o autor, relacionando com a categoria trabalho, como ação humana, com a dimensão subjetiva, quanto mais simples a relação entre o motivo e necessidade mais a produção desta é consciente e vice-versa. Maior é a clareza da construção dessa ou aquela subjetividade. Assim sendo, o homem moderno vive uma relação alienada ao que produz, ele não se reconhece como autor no que produz, não consegue ver o processo como um todo e sua implicação nele. Isso se dá porque a construção do pensamento moderno em mundo regido pelo capitalismo se dá através de relações de consumo e não de produção, assim esta relação deixa de ser imediata. Não produzo o que preciso (necessidade), produzo pra alguém que também não sabe que precisa ou acredita que precisa. A “necessidade” moderna é a criação de motivos de consumo banalizados.

Temos um determinado modo de produção imperando na sociedade. Esse modo se torna insustentável para contemporaneidade. O desenvolvimento econômico se dá pela submissão de outro ser humano para o trabalho. Este que é submetido pela própria manutenção da vida e o que submete o outro para o seu acúmulo de riqueza pessoal - todos dentro da lógica capitalista neoliberal, em que se destaca o individualismo, a conquista ou esforço pessoal (meritocracia) como uma qualidade, característica positiva em um sujeito – o que acaba enfraquecendo a força transformadora do coletivo, dificultando que a desigualdade social possa ser parada, desconstruída e modificada, para uma sociedade mais justa e solidária (GONÇALVES FILHO, 2004). A compreensão crítica do momento histórico e das tarefas que precisam ser desenvolvidas, deveria ser um objetivo comum a todos, e para isso a ação do ser humano precisa ter um valor ético embutido. A ação deve estar alicerçada por um pensamento difundido, sendo a expressão de um pensamento coletivo, e não de interesses de uma determinada classe social e econômica. Não se tem a possibilidade da expressão concreta desse pensamento, mas devemos estar prontos para a sua realização. Assim os processos revolucionários e coletivos dependem dessa condição também.

E a pesquisa em psicologia sócio-histórica busca romper com esses paradigmas modernos, no caso desta pesquisa, buscamos romper com paradigmas

presentes dentro do gênero feminino articulado com a classe social, da qual as *Antônias* fazem parte. Quais são os sentidos e significados atribuídos ao feminino ao longo do filme? Quais motivos se revelam nas personagens, e se estes estão associados ao gênero feminino? Como a dimensão subjetiva de feminino permite a realização de seus sonhos?

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa foi usada a dimensão subjetiva da realidade da psicologia sócio-histórica, como categoria de análise, a partir do filme *Antônia* (2006). O filme apresenta tanto os aspectos do tema feminino quanto do periférico. A análise partirá da descrição de aspectos da identidade feminina periférica e, o segundo momento a análise dos sentidos da dimensão subjetiva capturada, quais são os principais elementos deste feminino, o que o caracteriza.

A escolha do objeto de análise ser um filme se deu porque este também é entendido como uma linguagem, meio de expressão e comunicação, como bem explanado por PASSARELLI (1999). O autor diz que como linguagem, ele também é uma construção social. Sendo assim, passível de ser analisado pelos mesmos métodos das ciências humanas e sociais, em especial dos psicólogos sociais. Um filme não pode ser reduzido ao material produzido, ele é muito mais do que isso, passa a ser uma expressão da relação entre o produto final (produção, direção, atuação) apresentado e o expectador. Por conseguinte, ele sempre trará um sentido dialógico para cada expectador, já que este, segundo o autor, apresenta uma identificação projetiva com o objeto fílmico⁵. Ou seja, muitos de seus motivos e necessidades serão destacados, o expectador verá o que quiser ver, como na realidade. Esse sentido dialógico destacado está bem próximo ao exposto pela dimensão subjetiva, deste modo coube uma descrição por segmentação, feita no relato do filme, em que mostra o enredo pela sequência de planos do filme. Para que assim, possamos extrair o sentido dialógico de *Antônia*, sobre o prisma do feminino. Vale ressaltar que o cenário do filme é o bairro da Brasilândia, que coube muito bem como exemplo de contexto periférico, contexto onde as subjetividades são transformadas cotidianamente.

Assim, será feita uma análise dos discursos presentes no filme, não necessariamente das falas, mas quais significados e sentidos são percebidos nas cena, imagens, trilha sonora (músicas de *rap* e suas letras, por exemplo), expressões usadas e afins. Pois, estas expressam simbolicamente como a (des)construção do gênero ocorre na sociedade, e essencialmente, como essa construção é feita nas periferias. Verificaremos de que maneira o discurso discrimina,

⁵ **Objeto fílmico** é o produto final do filme, em seus aspectos: simbólico (o que ele representa, temática), material (como foi feito), dialógico (atuação, direção), intertextual (sua relação com a realidade e outras artes, incluindo principalmente outros filmes, por exemplo).

separa, diferencia as características humanas e sociais em qualidades de identidade de gênero, então, em concepções do que é ser homem ou mulher, com ênfase no ser mulher. Não há como falar de gênero sem falar da duplicidade, polaridade, masculino e feminino, afinal gênero é relacional. Contudo, tentaremos nos ater as significações de feminino.

A prática da análise discursiva pela dimensão subjetiva se mostra eficiente para discutir como são construídas tais identidade de gênero feminino, por meio dos sentidos e significados atribuídos às personagens femininas. Bem como, quais relações de necessidade as personagens criam, possibilitando o cruzamento dos discursos sobre gênero, raça, classe social entre outros. Ampliando a análise em sua totalidade, já que a partir dela, podemos verificar também quais são os valores morais e papéis sociais do feminino na sociedade contemporânea, que é o objetivo principal desta pesquisa.

RELATO DO FILME “ANTÔNIA”

O filme se passa na periferia da cidade de São Paulo, especificamente no bairro da Brasilândia (São Paulo/SP). No qual quatro personagens femininas são o foco do enredo. Elas são: Petra (Negra Li), Bárbara (Leilah Moreno), Mayah (Quelynah) e Lena (Cindy Mendes). Também há outros personagens importantes no filme como Marcelo Diamante (Thaíde) e Emília (Nathalie Cris), filha de Petra. As quatro personagens principais formam um grupo de musical intitulado ‘Antônia’, cujo o estilo é o hip-hop. O filme retrata a superação de diversas dificuldades na vidas das personagens através da música.

O filme começa com as “Antônias” subindo uma rua no bairro da Brasilândia, já ambientando o bairro ao telespectador. A história é narrada por Bárbara, que conta com um tom nostálgico sobre esta época do grupo.

Nas primeiras cenas elas se mantém muitos unidas, andam juntas para todos os eventos de hip-hop, como também ajudam umas as outras com seus problemas pessoais.

Inicialmente elas fazem mais *backvocals* para *rappers* homens, e numa noite elas irão subir no palco novamente para fazer seu trabalho. Só que Preta está atrasada, e quando chega elas vão direto para o palco. Voltando do show, a Mayah tem a ideia de expor o trabalho delas, até então encoberto, para os rapazes, com os quais trabalham. E pediu uma oportunidade de abrir o próximo show deles, com uma música de autoria das “Antônias”. Eles aceitam e as meninas ficam muito animadas com ideia e veem neste dia uma boa oportunidade de expor seu trabalho artístico-musical. Elas voltam pra casa de trem, e como é tarde têm esperar até o primeiro trem do próximo dia. Enquanto esperam, cantam músicas e falam de alguns episódios no show de paquera, em que algum membro do show “deu em cima delas”.

Também neste momento, Preta expõe o motivo do seu atraso, uma briga com seu namorado e pai da sua filha Emilia, este chama-se Hermano. Eles possuem uma relação complicada, fica entendido que ele trai Preta continuamente e não colabora com o sustento da família, especialmente da filha. Assim, Preta ainda depende muito da ajuda de seus pais, tanto economicamente como na criação de sua filha.

Em seguida conhecemos Duda (irmão de Bárbara), que trabalha como professor de educação física, ele estava como juiz de futebol num campinho do bairro. Ele acaba expulsando um jogador por estar jogando de forma desonesta, e o garoto sai contrariado.

Depois as meninas se reúnem para um ensaio no mesmo centro esportivo onde ocorreu o jogo de futebol. Elas falam sobre o nervosismo da primeira apresentação do grupo, revisam as letras de suas músicas e ensaiam coreografias. No meio do ensaio Preta revela sua vontade de aceitar uma antiga proposta de Bárbara, de morar com ela e o irmão até resolver a situação com o marido ou se separar de vez dele. Então, Bárbara por sua vez diz que por ela está tudo pronto. Logo após o ensaio, elas preparam a mudança de Preta e Emília para a casa de Bárbara. Vão à casa de Preta e recolhem o máximo de coisas possíveis em trouxas e mochilas. Antes de sair Preta deixa um recado na parede pro Hermano, então, ex-marido: “*Seu bosta*” – detalhe é que ele havia feito um grafite na mesma parede, um desenho da família deles, fez ele, a Preta e a Emília. No caminho eles vão a pé para casa do Duda, conversando, o bairro sabe da mudança, porque as pessoas estão na rua vendo isso acontecer, portanto, logo mais logo menos o ex-marido também saberá. Por mais que estejam em um grupo carregando as coisas de Preta, algumas coisas caem no caminho e eles correm para segurar a mudança.

O show finalmente chega. Elas estão produzidas, cada uma ao seu estilo. Elas inclusive brincam uma com a outra sobre suas roupas. A animação toma conta. Ao chegar veem o local lotado, mas não se intimidam, muito pelo contrário ficam muito animadas. O Hermano aparece cobrando explicações de Preta sobre o que aconteceu, ela não quer conversa e pede para que ele “tire as mãos de dela”, logo o pessoal da produção separa os dois, inclusive as amiga do grupo. Quando sobem ao palco e começam a cantar, logo de saída, alguns rapazes na plateia já começam a cantá-las, chamando a atenção do grupo de forma sexual, destoando do objetivo das garotas que é passar uma mensagem política, cultural e não valorizar a imagem sexual delas. No meio do público também estão o namorado da Lena e o ex-marido da Preta que começam a discutir e até brigar com alguns rapazes, como dizendo: “*Essa é minha mulher, rapa, tá maluco.*”- marcando o início do show dessa forma. Porém, as meninas dão a volta por cima e continuam o show que vai virando um sucesso, com a canção “Nada pode me parar” (Anexo 1).

Descem do palco felizes com a apresentação. Acabam conhecendo Marcelo Diamante que é um cara que produz artistas na região, e quer fazer uma parceria profissional com o grupo, elas ficam meio desconfiadas, mas acabam deixando pra conversar sobre o grupo em outro momento. Neste momento Preta avista Mayah conversando com Hermano e sai em direção a eles, enfurecida. Chega pedindo explicações para ambos, dizendo: “*que isso*”, “*ficar de conversinha com o marido dos outros?*”- a amiga tenta conversar com ela, mas não teve jeito, Preta saí e ainda empurra o copo de bebida contra a amiga, deixando-a molhada. O Hermano pede para que Mayah explique a situação para Preta, também. Neste ponto do filme as Antônias se tornam três, agora que Mayah saiu do grupo.

Voltando do show, Preta e Lena conversam sobre a possível parceria do grupo com Marcelo Diamante, quando se deparam com uma cena de violência. Ao se aproximarem percebem que a pessoa espancada no chão é seu irmão e seu namorado, o irmão de Bárbara é homossexual. Chamam um vizinho para ajudar a leva-los para o pronto socorro. Chegando no hospital os feridos entram e Bárbara e Preta aguardam. Quando o médico retorna da emergência pergunta pelos parentes e Bárbara se anuncia, ele diz que o irmão dela fraturou uma perna e terá que colocar gesso, ficará imóvel por um tempo, mas se recuperará (não poderá trabalhar, e se tornará dependente da irmã por um tempo, até para locomover-se). Enquanto que o outro faleceu, deixando a todos desolados, Bárbara só pensa em como o irmão irá lidar com tudo isso e fica revoltada.

Quando Preta finalmente chega na casa dos pais para buscar sua filha encontra a mãe cantando louvores com um grupo de fiéis da igreja evangélica. Vai aos fundos da casa e conversa com o pai, que pergunta como foi o show e ela diz com desânimo que está tudo bem. O pai parece se preocupar com a carreira da filha e também acredita na sua escolha.

No outro encontro com Marcelo Diamante, ele fala que elas têm talento e precisam trabalhar duro para ter sucesso. Elas resolvem falar sobre os interesses delas e exigem um contrato para trabalhar, pois não o conhecem bem. Ele aceita a proposta e eles começam a parceria. O primeiro trabalho delas, com ele como empresário, foi numa festa de Bodas de um casal de classe social diferente, com dinheiro; e também é um ambiente em que a maioria é branco (espaço diferente do mostrado no filme até então). O grupo se apresentou com algumas de suas músicas e percebe que ninguém dá muita atenção, até o momento em que o marido pede

para fazer uma homenagem à sua esposa cantando “*Killing Me Softly* (Roberta Flack)”, como ele não é muito afinado as meninas começam a acompanhá-lo e fazem o maior sucesso. Marcelo Diamante vibra e na volta pra casa ele demonstram muito otimismo e tenta levantar a autoestima das meninas. Chegando na Brasilândia se despedem de Diamante e seguem caminhando. Se deparam com muitos sentimentos e percepções paradoxais, ficam felizes de poder ganhar dinheiro com a música, contudo, sentem que com o rap será mais difícil. Não querem parar de cantar rap mas precisam se sustentar por outro lado.

Chegando na rua de casa, Preta e as meninas encontram Hermano, ele pede pra conversar com ela e as meninas perguntam à Preta se ela prefere que elas fiquem. Preta diz que está tranquilo e elas podem ir. Com isso, Hermano começa a questionar Preta sobre o envolvimento dela com Diamante, ela fica indignada e diz que ele tem inveja. Ele não aceita e diz que vai tirar a filha dessa “*sem vergonhice*”, Preta pede respeito e acabam se agredindo e Preta sobe as escadas para casa chorando. Bárbara aparece para lhe fazer companhia e conforto.

Em seguida, Duda volta pra casa e as meninas resolvem chamar o mesmo vizinho para ajuda-las a levar o irmão de Bárbara para casa, já que tem uma escadaria para enfrentar. Quem vai chama-lo é Lena. O cara se nega a ajudar e diz que o “*Duda é traíra...porque ele é viado e nunca contou nada para mim que era amigo dele, agora tá todo mundo me tirando.*” – Lena não concorda e desce pra ajudar, só que ao invés de relatar o preconceito do vizinho, diz que ele não estava em casa. As meninas sobem com ele nas costas. Assim, Bárbara conversa com Preta e Lena e diz que esta revoltada e não aceita está situação, o irmão não quer denunciar e tudo fica por isso mesmo, no silêncio, na impunidade. Neste mesmo momento Lena diz às amigas que está grávida e que precisará sair do grupo. Preta não concorda e se dá como exemplo, mas explica o real motivo de sua saída, porque seu namorado a não aceita no grupo. Então o grupo se divide mais uma vez, agora são apenas duas integrantes.

Na cena que explica a cobrança do namorado de Lena, ele inicialmente propõe um aborto à ela, fica muito nervoso dizendo que não quer ser pai e questionando-a , dizendo “*como você foi deixar isso acontecer?*” e Lena fica calada e se retrai, ele percebe que ela quer ter o filho e aceita, mas em troca exige que ela saia do grupo: “*Você parar de cantar rap, não quero mulher minha em cima de palco não, com um bando de vagabundo botando o olho em cima.*” – com isso Lena diz as

meninas que com ela é diferente, que ele quer assumir ela. Porém, Preta alerta a amiga, diz que ela estará abrindo mão de um pessoal dela porque tá grávida e para agradar um cara.

Como o grupo que agora virou uma dupla Diamante as leva para uma apresentação em churrascaria, elas cantam música sertaneja e recebem reconhecimento, inclusive cachê. Mas, novamente na volta pra casa um desânimo toma conta pela saudade do grupo de rap. Descendo as ruas se deparam com um garoto, que começa a provoca-las, pede que rebolem além de cantar e elas respondem de forma indiferente, diz pra ele voltar para casa dele. O garoto continua até revelar que ele foi o agressor do Duda. Bárbara fica ensandecida e parte para cima dele. Acaba machucando-o muito e ele vai para no hospital e morre. Bárbara é acusada do homicídio culposo, sem intenção de matar, por alegar legítima defesa e acaba presa. Mesmo sem julgamento ou defesa. O delegado alega flagrante. O grupo se vai de vez e agora só a Preta continua.

Preta volta para casa da mãe desolada. A mãe dela começa uma cobrança, dizendo que a música não irá leva-la a lugar nenhum e usa o pai dela para exemplificar. O pai de Preta tentou ser sambista, mas a música acabou como um hobby para ele e não como ganha pão, para a desilusão de Preta.

Em seguida, Preta se encontra com Diamante em uma barraquinha de cachorro-quente. Ele começa a conversar com ela, para ela não desistir de seus sonhos, tenta estimula-la. Ela diz que para ela não tem mais graça e não vê sentido na parceria. Ele com muita malemolência e seu otimismo inabalável mostra para Preta uma canção para ela não desistir “*Na sombra de uma árvore* (Hyldon)”. Mas, Preta vai embora.

Ela começa a trabalhar como cobradora de transporte clandestino (trabalho informal), o motorista é o vizinho de Duda, o Barão. Um dia ao voltar para casa recebe uma carta de Bárbara, escreveu do presídio. Falou que lembrou do Diamante, no sentido que ele sendo otimista estaria bem melhor do que ela em sua situação. Fala do cotidiano de uma presidiária. E acaba por emocionar Preta. Em seguida, sua filha, Emília, acorda ela no meio da noite por causa de um pesadelo, e pede colo da mãe. Preta conforta a filha com uma estória que a filha lhe pede para contar. Só que está estória fala dela mesma, de maneira metafórica. E a filha dela acaba dizendo que espera que tudo fique bem, sem brigas, o que faz com que Preta reveja sua posição e retome seus sonhos.

Então, Preta vai atrás de Mayah para pedir desculpas, esta fica reticente e não a recebe. Logo, Preta espera até a noite, quando Mayah sai de casa e a chama na rua. As duas conversam, Preta deixa o orgulho de lado e Mayah também, percebem que a amizade e os sonhos delas não podem acabar, e elas se perdoam. Retomam o sonho do grupo. Vão atrás de Lena também para visitar Bárbara no presídio. O namorado dela não aceita, tenta impedi-la, mas Lena vai mesmo assim, e diz que tá faltando respeito.

Quando as meninas chegam no presídio todas estão muitos emocionadas, especialmente Bárbara, que não esperava a surpresa. Elas conversam, falam sobre os sonhos, começam a escrever novas músicas juntas e repensar no grupo. Elas acabam depois um tempo se apresentam no presídio de Bárbara. Neste momento que narra o filme é Marcelo Diamante. Na cena final fazem um show muito aclamado na Brasilândia com a música tema do grupo “Antônia” (Anexo 2). Assim, elas voltam a ser as “Antônias”, voltam a seguir seus sonhos.

DISCUSSÃO

O que podemos dizer de um grupo de amigas pobres, negras, moradoras de periferia em que seu sonho maior é fazer sucesso através de sua música? O que elas acreditam ser importante para alcançar seus objetivos? Bem, muita coisa. Por isso focaremos nossa discussão em um levantamento de aspectos do feminino, de como ele é entendido no filme, como ele é capturado e, sobretudo, dentro do contexto dos bairros periféricos, de uma população periférica. Logo após, faremos uma análise dos sentidos capturados pela pesquisadora por meio dos aspectos levantados, proporcionando assim uma visão geral sobre o feminino, uma aproximação da dimensão subjetiva que as personagens apresentam.

Primeiramente, descreveremos como os aspectos do feminino aparecem em cada uma delas. Vamos analisar cada um deles e sua relação com levantamento bibliográfico apresentado.

O primeiros aspectos sobre o feminino a serem analisados são os de Preta. Esta personagem tem um relacionamento difícil com o ex companheiro, que não a ajuda na criação da filha deles, é ausente, só consegue cobra-la e brigar. Ela ainda conta com a ajuda de seus pais para criar sua filha e de sua amiga Bárbara para se mudar de sua antiga casa para tentar ter uma vida nova. Acaba brigando com a amiga Mayah por conta do ciúmes para com ex. Preta é uma mulher sensível, que muitas vezes não encontra no seu cotidiano espaço para se expressar, a não ser cantando no grupo. Trabalhou também com transporte clandestino quando a possibilidade de cantar ficou obscurecida pela defasagem no grupo. O casamento com Hermano era um sonho frustrado para ela, assim como a carreira musical. Porém, consegue passar por cima do seu orgulho e com ajuda do carinho da filha recupera a amizade de Mayah e retoma o grupo com sucesso.

Podemos perceber que esta personagem encarna um lado muito comum das mulheres de periferia, a do abandono por parte de seus maridos – não foi ele quem se separou dela, mas não era companheiro dela de fato, não vivia ao seu lado, o que corresponde a uma situação de abandono para a personagem – o que a torna ainda muito depende dos pais, numa sociedade em que a mulher pobre é muitas vezes vista como a chefe da família, Preta acaba também por ter que seguir o mesmo caminho. O problema não está em ter que ser chefe de família e

sim não fazer esta escolha e sim ser obrigada a isso, o que acarreta em um tipo de violência e pouca autonomia em seu cotidiano. Contudo, tem a sorte de ter amiga que a ajuda e lhe oferece uma opção de se mudar, o que facilita a separação com ex companheiro. Esta amizade cúmplice, a irmandade criada entre elas é também outra característica bem marcante das relações estabelecidas na periferia como dizem os autores como MATSUNAGA (2008), ela vê nas amigas, no bairro um apoio que não tem do estado. Quem faz sua mudança são seus amigos, não paga por um serviço. Como se todos sentissem o que ela sente, dividissem as dificuldades do dia-a-dia o que também funciona como um amparo, o cuidado que a grande mãe periferia oferece.

O emprego para ela também é um fator relevante, Preta acaba buscando auxílio no mercado clandestino, no caso de transporte, outro fator marcadamente periférico, como exemplificado pelo autor HUGHES (2003). Os motivos pelos quais a levam a este emprego e, não outro, não são considerados na produção do filme.

O ideal de família também foi quebrado, quando ela picha o grafite de Hermano não está apenas com raiva dele e se “vingando”, mas também está renunciando a uma figura de família esperada nos moldes sociais: casal com filhos. O peso de ser mãe solteira é incômodo numa sociedade que exige o controle sexual e comportamental das mulheres. Como também seu sonho profissional foi protelado e até desmotivado diversas vezes, inclusive pela sua mãe, que a comparava com pai iludido. A desvalorização da mãe para com a profissão demonstra como os sonhos para uma mulher e para uma mulher de periferia estão intimamente ligados a sua acessibilidade e condições de realiza-los. A mãe “protetora” acredita estar defendendo a filha de uma possível decepção, porque já viveu sobre estas condições e não quer o mesmo para filha (ASSIS, 2008).

Nossa próxima personagem é Bárbara. Dentre os aspectos mais relevantes estão a capacidade de encarar as dificuldades, já que passou por diversas situações de violência (tanto física: luta com o garoto na rua, condições de presidiária; psicológica: as provocações sofridas e o silêncio do irmão, encarar a realidade do encarceramento) também sua determinação e coragem. Ela tem um nome que sugere isso. Como também possui um grande lado fraternal, do cuidado (ela cuida do irmão quando este fica impossibilitado de andar provisoriamente, cuida da amiga quando precisa de ajuda). Ela oferece casa, segurança, proteção, cuidado

e carinho aos que ama, como uma grande leoa que defende sua cria. Inclusive, quase que como aquela que gosta de tomar conta de tudo é ela quem nos narra a história do grupo. Mesmo em seu pior momento, quando reclusa do convívio social pela prisão, ela inspira a amiga Preta, dizendo que mesmo naquela situação é possível sonhar, acreditar, projetar-se. A sua grande capacidade de resiliência fica expressa por esse momento, como se os outros não fossem suficientes para demonstrar isso (ASSIS, 2008).

Agora é a vez de Lena. Esta personagem aparece bem mais focada na questão do controle da sexualidade do que qualquer outra. O machismo presente na realidade, fica bem expresso na ficção. O namorado não gosta que ela fique saindo com o grupo, o que nos remete as reflexões de AMORÓS (2002), quando ela diz que muitas vezes uma reunião feminina, ou grupo feminino é tido historicamente como algo pro maléfico, usado para o mal ou prazeres pessoais. Lena não é livre para ter seu próprio projeto pessoal, e como muitas mulheres e adolescentes moradores de periferias ela inibe seus sonhos por uma maternidade mal planejada e um casamento compulsório. É melhor ser casada do que criar os filhos sozinhas, mas a que custo? Parando de cantar porque o companheiro “pediu”, obrigou. E pelo motivo de que isso é se expor, se exibir para outros homens, mais uma vez a responsabilidade sobre o assédio sexual recai sobre a mulher, ela é domesticável e não os homens, como bem aponta SAFFIOTI (2004). Se manter no ambiente privado (“*eu te dei tudo [em casa], o que falta pra você?*”) para facilitar o controle, o ambiente público não é próprio para uma mulher ser, principalmente se é mãe e casada, valorizada. Ainda mais se tratando de uma profissão que envolve sua exposição artístico/estética também, como a música.

E assim chegamos à Mayah. Que por sua vez, nos apresenta um feminino ousado e vaidoso. O lado ousado vem porque foi ela quem teve a ideia de tentar apresentar o grupo ao público, retira o feminino da invisibilidade presente no hip-hop. Se não fosse por ela, talvez Antônia nunca tivesse passado de um sonho a se realizado. Já o lado vaidoso, ou melhor, mais estético vem por ela ser considerada a “bonequinha” do grupo. Ela é quem usa salto alto, minissaia, a cor rosa. E é a única com cabelo liso do grupo também. Ou seja, ela segue muitos dos ideias de beleza que vivemos em nossa sociedade contemporânea (GOLIK, 2009).

Definindo estes aspectos, também coube uma breve análise das letras cantadas por elas no filme, as duas músicas encontradas no “Anexo” deste trabalho representam como elas querem ser vistas, como elas cantam, melhorando, contam sobre si mesmas.

Observa-se a presença constante de expressões como: “*Não vou desistir*”, “*lutar*”, “*força*”, “*vencer*” – o que demonstra que elas são pessoas que precisam batalhar para conquistar seus objetivos, não são frágeis, precisam da força para conseguir o que querem. Elas não tem medo, mesmo com as adversidades não desistem. Isso demonstra que a música é um importante instrumento de ação, no sentido de mudança de suas realidade, bem como uma maneira de construir um novo modelo de identificação, como encontradas nos trechos: “*não nasci pra servir*”, “*voz ativa*”, “*é hora de lutar*”, “*faça um som*”, “*vem ser mulher*”, “*vem conquistar seu lugar*”, “*cantar é minha arma pra vencer*”, “*quebrar correntes, plantar sementes*”, “*representar gente da gente*”. Elas são um novo modelo de feminino e de moradora de periferia, que superam muitos papéis, expectativas e rotulações de gênero e classe social por meio da música, especialmente como *rap* (MATSUNAGA, 2008).

Outro aspecto importante de avaliar é a diferença que estas mulheres têm para com as mulheres de outras classes sociais. Como no filme há a cena da festa de boda, podemos ter acesso a um pouco deste contraste. A mulher que tem melhores condições é mais protegida e valorizada, a moça branca do filme, tinha um marido que estava justamente fazendo uma festa em homenagem a união deles, inclusive tentou cantar para ela. No caso, das *Antônias* há abandono, sobrecarga nas tarefas e cuidados, subemprego, violência psicológica e física, maternidade mal planejada, controle de sexualidade, falta de recursos, desconfiança, burocracia (prisão de Bárbara). Então, fica evidente que certas desigualdades sociais, mesmo que de gênero, ficam mais fortes e se ampliam por se articularem com outras desigualdades existentes, como a racial e social, por exemplo.

Entretanto, nem tudo está perdido. A capacidade de resiliência e a conquista da dignidade negada pela sobrevivência por meio do rap, se mostrou uma eficiente arma contra o machismo, preconceito, racismo e outras discriminações. E assim, a sua história é recuperada em suas mãos, elas se tornam autoras e protagonistas. Quem diz o que elas são, fazem, desejam, planejam são elas mesmas. Este empoderamento é essencial, do ponto de vista biopsicossocial e

político. Elas garantem que mais pessoas, mulheres principalmente possam tê-las como referência de superação e possibilidade.

Portanto, elas acabam invertendo a lógica que processa suas vidas. Produzindo uma série de novas qualidades e características para o feminino como: forte (ao contrário do explorado ao longo da história, o “sexo frágil”), corajoso (não precisam de ninguém que as defendam, são autossuficientes), esperança, perspectiva que não a de servir, mas sim, de inspirar; conquista do espaço público, respeito a diferença entre as expressões do ser mulher (uma mais vaidosa, outra mãe, outra luta kung fu, compositoras e cantoras de hip-hop). Do mesmo modo que a história produziu diferenças entre os sexos e as classes sociais, as meninas da Brasilândia demonstram que se pode produzir diversidade e respeito. Elas se fazem merecedoras, ou seja, aumentam sua capacidade se sentir seguras (AMORÓS, 2002).

Mesmo com o não esgotamento das possibilidades de análise que o filme oferece, é possível afirmar que a dimensão subjetiva do feminino encontrada foi, em primeiro lugar a do **aprisionamento** sobre seu comportamento e desejos (seja por causa da falta de relacionamentos afetivos saudáveis , falta de apoio e incentivo, o controle de sua sexualidade, a discriminação sofrida por ser da periferia e negra); e em seguida da **ação** da mulher da periferia (no sentido de mudar sua própria realidade), o **cuidar** de seu entorno (familiares e amigos) e da **resiliência** no seu existir (a capacidade de superação de adversidades, retornando a um estado biopsicossocial adaptado). As *Antônias* representam a possibilidade de construção de uma nova subjetividade, pautada em novos paradigmas de gênero e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseguimos verificar ao longo do trabalho muitos sentidos do feminino ao longo da história, muitas vezes de maneira pejorativa. Vimos também, que a periferia se mostra um importante cenário para o entendimento do gênero também sobre o recorte social. E como estes fatores interferem na construção da subjetividade feminina e porque não da masculina, já que são polaridades correlacionadas, dois lados da mesma moeda da identidade humana. O gênero feminino do ponto de vista social no filme se revelou como um bom instrumento de promoção da diversidade sexual e igualdade social. Assim, essas mulheres nos mostraram que quando se tem um projeto de vida interrompido ou impedido, não devemos fraquejar, e sim buscar a união, força para lutar porque é preciso vencer e ser feliz. De certa forma, elas nos repassam ideias feministas de luta pela igualdade, equidade entre os gêneros e seus atores sociais. Não é porque se é mãe que se tem que abrir dos sonhos pessoais. A obstinação revelada sobre esta população no filme é muito importante, já que esta não é feita, nem de longe, por criminosos e ignorantes. É esperado que este trabalho tenha fornecido bons elementos para próximas discussões sobre os temas tratados aqui e outros que poderão surgir.

Por fim, fica aberto o debate sobre a identidade de gênero e a identidade social como temas relevantes para psicólogos e pesquisadores que buscam compreender melhor a realidade em que vivemos e assim ter uma atuação mais funcional e de qualidade para a sociedade brasileira, em especial para as populações de baixa renda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wanda Maria J. et al. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, Ana Mercês B.; GONÇALVES, Maria da Graça M.(orgs) **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 54-72.

AMORÓS, Célia. (org.) **10 palabras clave sobre mujer**. 4^a Edição. Espanha: Editorial Verbo Divino, 2002.

ASSIS, Maria Isabel de. Mulheres negras: lembranças do vivido e sentido. In: CARVALHO, Marília P. & PINTO, Regina P. (org.) **Mulheres e desigualdade de gênero**. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 97-113.

BARBIERI, Teresita de. "Sobre la categoría de género - una introducción teórico-metodologica" In: AZEREDO, Sandra & STOLCKE, Verena. **Direitos Reprodutivos**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/DPE, 1991, p. 25-46.

BARROSO, Carmen. **É homem ou não é? A socialização dos papéis sexuais**. Fundação Carlos Chagas, p. 1-5.

BOCK A. M. B. & GONÇALVES, M. G. M. (org.) **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

BOFF, Leonardo & MURARO, Rose Marie (org.) A fabricação do feminino e do masculino. In: **VII SIMPÓSIO DE LETRAS NA PUC**, 2002, 1 vídeo DVD (160'); son., color. São Paulo: Videoteca da PUCSP.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del.(org) **História das Mulheres no Brasil**. 2^a edição. São Paulo: Contexto, 1997, p. 510-553.

FURTADO, Odair. & SVARTMAN, Bernardo P. Trabalho e alienação. In: BOCK, A. M. A. & GONÇALVES, M. G. M. (org.) et al. **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. Cortez Editora, 2009, p. 73-115.

FURTADO, Odair. Psicologia e relações de trabalho: em busca de uma leitura crítica e uma atuação compromissada. In: BOCK, A. M. B. **A perspectiva sócio-histórica na formação em Psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2003, p.211-239.

_____. O trabalho e a dimensão subjetiva da realidade. In: ***Construindo o Compromisso Social da Psicologia: Trabalho e Solidariedade.*** Cortez Editora, 2011.

GOLIK, Vera (org.) ***Feminino futuro***, 1 vídeo DVD (185'); son., color. São Paulo: Videoteca da PUCSP. Palestra realizada no dia 25 de Marco de 2009.

GONÇALVES FILHO, J. M. A invisibilidade pública (prefácio). In: Costa, F. B. da. ***Homens invisíveis – relatos de uma humilhação social.*** São Paulo, Globo, 2004.

GONZALES REY, Fernando. A subjetividade social e a subjetividade individual: impacto sobre a psicologia social. In: ***O social na Psicologia e a Psicologia Social.*** Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 141-148.

HIME, Flávia Arantes. ***A biografia feminina e a história das relações amorosas: o voo da fênix.*** São Paulo, 2004. 153p. Dissertação (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

HUGHES, Pedro Javier A.. ***Periferia: um estudo sobre a segregação sócio espacial na cidade de São Paulo.*** São Paulo, 2003. p. 74-91, 115-122 e 166-175. Dissertação (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade de São Paulo.

LESSA, Sérgio (org.) ***A ontologia social de György Lucáks***, 1 vídeo DVD (150'); son., color. São Paulo: Videoteca da PUCSP. Palestra realizada no dia 24 de Fevereiro de 2011.

LINS, Regina Navarro. ***A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências.*** Rio de Janeiro: Editora BestSeller, Edição revista e ampliada, 2007.

MAGALHÃES, Acelí de A. ***Histórias das mulheres: considerações sobre a privação e a privacidade na história das mulheres.*** (Coleção Identidades). São Paulo: Editora Altana, 2001.

MATSUNAGA, Priscila S. As representações sociais da mulher no movimento Hip Hop. ***Psicologia & Sociedade;*** Campinas, v.20, n.1, p.108-116, 2008.

PASSARELLI, Carlos André F. Imagens em diálogo: filmes que marcam nossas vidas. In: SPINK, Mary Jane (org.) ***Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.*** São Paulo: Editora Cortez, 1999, p. 273-283.

RESENDE, Vera da Rocha. ***Estudo da representação do universo sexual de um grupo de mulheres da periferia da grande São Paulo.*** São Paulo, 1989. p. 1-19. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. ***Gênero, patriarcado e violência.*** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Gislene Rosa da. ***Identidade de periferia: o papel das rádios comunitárias na construção da cidadania.*** São Paulo, 2003, p. 1-19, 72-75. Monografia (Especialista em Jornalismo Cultural) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SOUSA, Ada Cristina G. & BRANDÃO, Shyrlene Nunes. Como é ser adolescente do sexo feminino na periferia? ***Psicologia Ciência e Profissão,*** Brasília, v.28, n.1, p.82-97, 2008.

ANEXOS

Anexo 1

Música: Nada Pode Me Parar (autoria: Antônia)

Todas:

Não vou desistir

Ninguém vai me impedir

Eu tenho força pra lutar

Nada pode me parar...

Não vou desistir

Ninguém vai me impedir

Sei que é difícil pra viver

Se eu tô aqui é pra vencer

Preta:

Essa sou eu, sim

Mulher, sim

Com muito orgulho, sim

Guerreira, eu não nasci pra servir

Confira, de fibra,

Preta leal e voz ativa

Nem feminista, nem pessimista

Sou satisfeita.

Mayah:

Aqui é Mayah, hei, se morde e rala!

Determinada, não desisto de nada,

Teimosa, abusada, sinta a pegada

Sou destemida, espiritualizada

Deus e orixás comigo na caminhada

Barbarah:

Peraí, deixa eu chegar

Olha pra cá, vou me apresentar

Em meu nome já me mostro:

Tenha medo pois sou Barbarah!

Forte, corajosa, curiosa, envergonhada

Índia, africana, européia, miscigenada

Mas não confunda pois eu não sou leviana

Te mostro minha adaga de lansã

Essa é minha fama!

Lena:

Joguem flores, rufem os tambores

Traga tudo que há de bom

Em ti pra mim

Você quis rir antes do fim

Me destruir

Então e aí? Vai desistir

Mas cadê a força no punho?

Tá com medo do seu erro

Então faz primeiro o rascunho

Todas:

Não vou desistir

Ninguém vai me impedir

Eu tenho força pra lutar

Nada pode me parar

Não vou desistir

Ninguém vai me impedir

Sei que é difícil prá viver

Se eu tô aqui é prá vencer

Não vou ligar pros espinhos

Que encontrar pelo caminho

Vamo embora que agora

É hora de lutar!

Não vou ligar pros espinhos

Que encontrar pelo caminho

Vamo embora que agora

É hora de vencer!

Anexo 2:

Música: Antônia Brilha (Composição: Negra Li, Leilah Moreno, Cindy Mendes e Quelynah)

Todas:

Oh, Antônia brilha

Antônia sou eu

Antônia é você.

Oh, Antônia brilha

E qualquer uma

Antônia pode ser

Negra Li:

Sei que sou capaz de lutar

E com dignidade minha paz encontrar

Força para resgatar!

Vou buscar música da alma

Leilah:

Com sabedoria vou me libertar

Eu tenho o dom! esqueça a guerra faça um som

Vou trazer de volta o sonho de vencer

Vou te mostrar como lutar como viver

Quelinah:

Ei, mulher! o grito, a força!

União, perseverança!

Lutar! crescer! saber viver!

Fé! compaixão e amor no coração!

Cíntia:

Pronta pra jogar estou

Vou avante! sou lena!

Sou forte e vou rumo ao gol

Jamais parar, insisto!

Não desisto, corro o risco e não me esquivo

Não desisto, corro o risco e não me esquivo

Todas:

Oh, antônia brilha

Antônia sou eu

Antônia é você.

Oh, antônia brilha

E qualquer uma

Antônia pode ser

Leilah:

Vem ser mulher, vem conquistar o teu lugar

Um mundo novo onde ficar

Pra ser do bem, amar sem olhar a quem

É só querer barbarizar. então, vem!

Negra Li:

Orgulho é batalhar pra viver

Cantar é minha arma pra vencer

Nada pode parar!

Ninguém vai me calar!

Cíntia:

Oh la la la la! sou do time Antônia!

Quelinah:

Personalidade, honestidade! sim, são qualidades

De uma mulher que é Antônia de verdade

Quebrar correntes! plantar sementes!

Representar gente da gente!

Todas:

Oh, Antônia brilha

Traz luz à vida!

Antônia brilha!

Viver! vencer! cantar!

Antônia!